



VIDA NOVA

PANORAMA

DO ANTIGO TESTAMENTO

EDIÇÃO REVISADA E AMPLIADA

GLEASON L. ARCHER JR.



PANORAMA

DO ANTIGO TESTAMENTO

EDIÇÃO REVISADA E AMPLIADA

GLEASON L. ARCHER JR.

Tradução:
Gordon Chown

Copyright ©1964, 1974, 1994, 2007 de Moody Press

Título original: *A Survey of Old Testament Introduction*

Traduzido da edição publicada pela MOODY PRESS, (CHICAGO, ILLINOIS, EUA)

Edições publicadas anteriormente sob o título *Merece Confiança o Antigo Testamento?*

1.^a edição: 1974 | 2.^a edição: 1979 | 3.^a edição: 1984 | Reimpressões: 1986, 1988, 1991, 1998

4.^a edição revisada e ampliada: 2012

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA, Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970.
www.vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em citações breves com indicação de fonte.

Todas as citações bíblicas, salvo indicação contrária, foram extraídas da versão Almeida Século 21.

ISBN 978-85-275-0502-4 | Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Crédito das imagens:

Fotografias

British Museum: p. 48, 129, 239, 258, 362, 415

Israel Government Press Office: p. 18, 93 foto inferior, 427

Tim Dowley Associates: p. 32, 37, 93 foto superior, 130, 166, 169, 205, 267, 273, 282, 301, 315, 324, 328, 329, 335, 336, 338, 345, 365, 379, 435, 446, 448, 459, 485, 486, 525, 534

Jamie Simpson: p. 441, 460

Zev Radovan: p. 192, 199, 241, 257, 270, 321, 361, 363, 364, 368, 423, 471, 502, 523, 524

Ilustrações

Brian Bartles: p. 351

Jeremy Gower: p. 419, 421

James Macdonald: p. 249

Alan Parry: p. 291, 390

SUPERVISÃO EDITORIAL

Marisa K. A. de Siqueira Lopes

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Djair Dias Filho

REVISÃO

Lena Aranha

Caio Peres

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

REVISÃO DE PROVAS

Mauro Nogueira

Ubealdo G. Sampaio

DIAGRAMAÇÃO E CAPA

OM Designers Gráficos

Osiris C. Rangel Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Archer Jr, Gleason L.
Panorama do Antigo Testamento / Gleason L. Archer Jr ;
tradução Gordon Chown. -- 4. ed. -- São Paulo :
Vida Nova, 2012.

Título original: *A survey of old Testament introduction*.
Bibliografia.

ISBN 978-85-275-0502-4

1. Bíblia. A.T. - Estudo e ensino 2. Bíblia.
A.T. - Livros-texto 3. Teologia - Estudo e ensino
I. Título.

12-08339

CDD-221.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Antigo Testamento : Bíblia : Teologia 221.6

Para minha esposa, Sandra

Sumário

Abreviaturas.....	7	18. Deuteronômio.....	303
Prefácio.....	8	19. Josué, Juízes e Rute.....	318
1. Introdução.....	9	20. 1 e 2Samuel e 1 e 2Reis.....	348
2. A inspiração do Antigo Testamento.....	16	21. Introdução aos profetas; Obadias, Joel e Jonas.....	367
Parte 1: introdução geral		22. Amós, Oseias e Miqueias.....	395
3. Os manuscritos hebraicos e as versões antigas.....	39	23. Isaías.....	409
4. A baixa crítica do Antigo Testamento.....	59	24. Isaías (continuação).....	431
5. O cânon do Antigo Testamento.....	74	25. Naum, Sofonias e Habacuque.....	443
6. História da teoria documental do Pentateuco.....	89	26. Jeremias e Lamentações.....	453
7. A alta crítica do Antigo Testamento no século XX.....	102	27. Ezequiel.....	464
8. A autoria do Pentateuco.....	119	28. Daniel.....	479
9. Variações e pares como critérios para a divisão de fontes.....	134	29. Daniel (continuação).....	499
10. Palavras posteriores e aramaísmos como critérios para a divisão de fontes.....	151	30. Livros históricos pós-exílicos: 1 e 2Crônicas, Esdras, Neemias e Ester.....	511
11. Reconstrução de Wellhausen da história hebraica nos períodos pré-profético e profético.....	159	31. Profetas pós-exílicos: Ageu, Zacarias e Malaquias.....	533
12. Reconstrução de Wellhausen da história hebraica no período sacerdotal.....	177	32. Introdução à poesia hebraica.....	547
13. Evidências arqueológicas para a antiguidade do Pentateuco.....	185	33. Salmos.....	553
Parte 2: introdução especial		34. Os livros de sabedoria: Jó e Provérbios.....	570
14. Gênesis.....	207	35. Eclesiastes e Cantares de Salomão.....	594
15. Gênesis (continuação).....	230	Apêndice 1: Cronologia do Antigo Testamento.....	616
16. Êxodo.....	259	Apêndice 2: Anacronismos e inexatidões históricas no Alcorão.....	620
17. Levítico e Números.....	287	Apêndice 3: Anacronismos e inexatidões históricas nas escrituras mórmons.....	625
		Apêndice 4: Inventário dos manuscritos bíblicos das cavernas do mar Morto.....	629
		Digressão 1: Predição e cumprimento como prova de inspiração bíblica.....	637

Digressão 2: Dados adicionais de Ebla	644
Digressão 3: A pesquisa liberal no século XX.....	647
Bibliografia seleta	660
Índice de nomes	664
Índice de assuntos	667

Lista de ilustrações

Classificação das línguas semíticas	12
Fragmento do rolo de Isaías dos manuscritos do mar Morto	18
Historiadores extrabíblicos	23
Comparação de outros escritos antigos	25
As construções do povoado em Cunrã	32
Procedimentos para lidar com as dificuldades bíblicas.....	35
Os manuscritos mais antigos.....	43
Página do Códice Sinaítico.....	48
Os doze erros mais comuns nos manuscritos.....	61
Cânones da crítica textual	65
Escritos judaicos antigos	71
O teste de canonicidade	85
Cunrã.....	93
Elementos para identificar a crítica liberal	117
Pedra de Roseta.....	129
O deserto de Zim	130
Palavras raras	153
Comparação de pronúncias	157
Trono do rei Tut.....	161
Lugar alto histórico	166
Altar com pontas.....	169
Impérios mundiais da Bíblia.....	186
Pedra babilônica divisória.....	192

Principais períodos arqueológicos	197
Estela de Israel de Merneptá.....	199
Evidências arqueológicas do Antigo Testamento	201
As três teorias dos dias (<i>yóm</i>) da criação.....	215
Épico de Gilgamés	239
Alto-relevo da deusa Istar.....	241
Mapa—As nações segundo Gênesis 10.....	244
Grande zigurate em Ur	249
Planta da cidade de Ur	253
Código de Hamurábi	257
Amon-Rá	258
Mapa—O período patriarcal.....	263
Tell es-Sultan	267
Tutmés III	270
Esfinge de Tutmés IV.....	273
Vista geral de Tell es-Sultan	277
Mapa—Reino Unido de Salomão	281
Monte Sinai.....	282
Mapa—Os principais sítios arqueológicos	283
Princípios da legislação levítica...	290
As sete festas.....	291
Os seis tipos de sacrifícios de sangue.....	292
Pôr do sol sobre o Sinai	301
Princípios de Deuteronômio.....	308
Altar sacrificial cananeu	315
Observâncias religiosas.....	317
O “tanque de Gibeão”.....	321
A planície de Jezreel	324
Mapa—Localização das tribos	327
Monte Ebal e monte Gerizim.....	328
Altar em Tell Dã	329
Local do antigo muro dos jebuseus	335
Os juízes de Israel.....	336
Jezreel vista do monte Tabor	336

Mapa—Israel pré-monárquica	337	As escavações de Megido	448
Monte Tabor	338	Reis da Babilônia/Caldeia	455
Mapa—Israel em Canaã	339	Tell Laquis	459
Os filisteus	341	Animal mítico, Babilônia	460
Campos nas circunvizinhanças de Belém	345	Mapa—O Império Assírio	467
O parente-resgatador como tipo messiânico	346	Mapa—O Império Babilônico	468
Jerusalém na época de Salomão ...	351	Mapa—A queda de Israel diante dos assírios	469
Mapa—O início da monarquia de Israel	352	Ruínas de Tiro	471
Reis da Assíria	358	Mapa—A queda de Judá diante dos babilônios	474
Sargão II	361	Obelisco Negro de Salmanasar III	485
O prisma de Senaqueribe	362	Dario, o Grande	486
A placa de Uzias	363	História dos reinos	501
A inscrição de Siloé	364	A imagem de Xerxes ou Assuero	502
O túnel de Siloé	365	Os impérios ptolomaico e selêucida	506
A nascente das águas de Eliseu	368	Fontes extracanônicas de Crônicas	514
Mapa—A monarquia dividida depois de 931 a.C.	369	A fortaleza israelita de Hazor	516
Milagres no Antigo Testamento	371	Mapa—Retorno do exílio	521
Mapa—Israel no século IX a.C. ...	377	O muro de Neemias	523
Petra	379	O sepulcro de Ciro	524
O mundo dos profetas	390	Busto de Alexandre Magno	525
Comparação de Jonas e Salmos ...	394	Reis da Média-Pérsia	526
Amós reflete a Torá	400	Plano de Persépolis	529
Cilindro de Ciro	415	Festas pós-exílicas	531
Mapa—Cidade de Jerusalém	419	Modelo do templo de Herodes	534
Cidade da Babilônia	421	Mapa—Campanha de Xerxes na Grécia	539
Pedra moabita	423	Mapa—As conquistas de Alexandre Magno	542
<i>Maššebôth</i> ou ortóstatos dedicados a Baal	427	As divisões do saltério	553
Israel cativo	435	Termos técnicos nos títulos dos Salmos	565
Profecias messiânicas fundamentais do Antigo Testamento	436	Salmos messiânicos	568
Referências ao Servo	438	Termos para sabedoria	585
Porta de Istar de Nabucodonosor	441	Cantares de Salomão	609
Mapa—Nínive	445	En-Gedi	611
A grande esfinge	446		

Abreviaturas

A	Código Alexandrino	ILOT	<i>Introduction to the Literature of the Old Testament</i> , S. R. Driver
A21	Almeida Século 21	IOT	<i>Introduction to the Old Testament</i>
AB	<i>Archaeology and the Bible</i> , G. A. Barton	ISBE	<i>International Standard Bible Encyclopedia</i>
ABH	<i>Archaeology and Bible History</i> , Joseph P. Free	JAOS	<i>Journal for the Study of the Old Testament</i>
ALQ	<i>Ancient Library of Qumran</i> , F. M. Cross	JBL	<i>Journal of Biblical Literature</i>
ANET	<i>Ancient Near Eastern Texts</i> , J. B. Pritchard (ed.)	JNES	<i>Journal of Near Eastern Studies</i>
AOOT	<i>Ancient Orient and the Old Testament</i> , K. A. Kitchen	JSS	<i>Journal of Semitic Studies</i>
AOT	<i>Archaeology and the Old Testament</i> , M. F. Unger	JTC	<i>Journal for Theology and Church</i>
AP	<i>The Archaeology of Palestine</i> , W. F. Albright	LAP	<i>Light from the Ancient Past</i> , J. Finegan
ARA	Almeida Revista e Atualizada, 2.ed.	LXX	Versão Septuaginta do Antigo Testamento
ARC	Almeida Revista e Corrigida	MLDSS	<i>More Light on the Dead Sea Scrolls</i> , Millar Burrows
ASOR	<i>American Schools of Oriental Research</i>	NASB	New American Standard Bible
B	Código Vaticano	NTLH	Nova Tradução na Linguagem de Hoje
BA	<i>Biblical Archaeologist</i>	NVI	Nova Versão Internacional
BAM	<i>Our Bible and the Ancient Manuscripts</i> , Frederic Kenyon	OHH	<i>An Outline of Hebrew History</i> , J. B. Payne
BASOR	<i>Bulletin of the American Schools of Oriental Research</i>	OTI	<i>Old Testament Introduction</i> , John H. Raven
BDB	<i>Brown, Driver, Briggs, Gesenius Hebrew-English Lexicon</i>	OTMS	<i>The Old Testament and Modern Study</i> , H. H. Rowley
BJ	Bíblia de Jerusalém	PEQ	<i>Palestine Exploration Quarterly</i>
CBQ	<i>Catholic Biblical Quarterly</i>	POT	<i>The Problem of the Old Testament</i> , James Orr
CSS	<i>Companion to Scripture Studies</i> , J. E. Steinmueller	PTR	<i>Presbyterian Theological Review</i>
CT	<i>Christianity Today</i>	QHBT	<i>Qumran and the History of the Biblical Text</i> , E. Cross and S. Talmon
CVSS	<i>The Christian Review of Science and Scripture</i> , B. Ramm	RB	<i>Revue Biblique</i>
DC	Documento de Damasco (da Genizá de Cairo)	RQ	<i>Revue de Qumran</i>
DJD	<i>Discoveries in the Judaean Desert of Jordan</i>	SAC	<i>From the Stone Age to Christianity</i> , W. E. Albright
DSPS	<i>The Dead Sea Psalms Scroll</i> , J. A. Sanders	SIOT	<i>Scientific Investigation of the Old Testament</i> , Robert Dick Wilson
DSS	<i>Dead Sea Scrolls</i> , Millar Burrows	SIP	<i>Short Introduction to the Pentateuch</i> , G. C. Aalders
EA	<i>Die El-Amarna Tafeln</i> , J. A. Knudtzon	SWDS	<i>Scrolls from the Wilderness of the Dead Sea</i> (Catálogo de exposições do Instituto Smithsonian, Escolas Americanas de Pesquisa Oriental, 1965)
EBD	<i>Encyclopedia of Bible Difficulties</i> , G. L. Archer	TAT	<i>Der Text des Alten Testaments</i> , E. Würthwein
EG	<i>Wörterbuch der Agyptischen Sprache</i>	TB	Tradução Brasileira
FBM	<i>The Five Books of Moses</i> , O. T. Allis	TEB	Tradução Ecumênica da Bíblia
GATE	<i>Grundriss für Alttestamentliche Einleitung</i> , Wilhelm Moeller	TM	Texto Massorético do Antigo Testamento (hebraico)
IBOT	<i>Introduction to the Books of the Old Testament</i> , W. O. E. Oesterley e T. H. Robinson	TOT	<i>The Text of the Old Testament</i> , E. Würthwein
ICC	<i>International Critical Commentary</i>	VAB	<i>Vorderasiatische bibliothek</i>
IDB	<i>Interpreter's Dictionary of the Bible</i>	VT	<i>Vetus Testamentum</i>
IEJ	<i>Israel Exploration Journal</i>	1QS	Caverna 1 de Cunrã, Şerek ou Regra da Comunidade
IGOT	<i>Introductory Guide to the Old Testament</i> , M. F. Unger		

Prefácio

O propósito deste *Panorama do Antigo Testamento* é prover um material simples e útil para a instrução de seminaristas e universitários que não tenham conhecimento prévio sobre crítica de Antigo Testamento. Também foi preparado para que pastores e estudantes bíblicos sérios tenham uma noção geral da discussão desse campo de estudos. Por limitações de espaço, o autor não se preocupou em discutir todos os livros e artigos mais recentes da área, mas se contentou em delinear os pontos de vista mais representativos e influentes de líderes reconhecidos nos estudos introdutórios ao Antigo Testamento. Procurou-se, por clareza, restringir a discussão às questões principais e lidar com essas questões de maneira que o iniciante consiga entender e apreciar.

O leitor perceberá que este livro adota, do começo ao fim, uma perspectiva conservadora ou evangélica. O autor não deve explicações por isso, a não ser para dizer que, em sua convicção pessoal, apenas a visão ortodoxa da Bíblia de fato faz jus ao testemunho do próprio texto bíblico e verdadeiramente se alinha às evidências apresentadas por todos os dados relevantes. Ao mesmo tempo, procurou-se a todo instante tratar com justiça todas as diferentes visões e teorias defendidas pela posição liberal ou neo-ortodoxa, além de apresentar suas premissas e conclusão de modo que sejam prontamente entendidas e corretamente avaliadas pelo leitor.

Capítulo 1

Introdução

A Bíblia Sagrada não se assemelha a nenhum outro livro no mundo inteiro. É o único livro que se apresenta como a revelação escrita do único Deus verdadeiro, visando à salvação do homem, e que demonstra sua autoridade divina por meio de muitas provas infalíveis. Outros documentos religiosos, como o Alcorão, podem declarar ser a palavra de Deus, mas não contêm as provas de autenticidade que há na Bíblia (por exemplo, o fenômeno de profecias cumpridas).

Sendo o registro da santa vontade de Deus para o homem, a Bíblia tem a máxima importância para esclarecer corretamente o sentido verdadeiro das revelações que ela mesma contém. Não seria certo interpretar as palavras das Escrituras como se tivessem sido dadas em nossa época moderna, dirigidas aos falantes de língua portuguesa enfrentando problemas do nosso século. Não há dúvida: a Bíblia de fato traz para nós hoje a mensagem de Deus, e é tão relevante para nós hoje como o era para os hebreus da Antiguidade. Mas a forma de entrega daquela mensagem foi uma forma hebraica antiga, e, em primeira instância, a mensagem se dirigia a pessoas que enfrentavam as questões e circunstâncias específicas da sua própria época. Não podemos entender os princípios subjacentes e permanentes contidos nessas antigas declarações da parte de Deus, sem, em primeiro lugar, tomar conhecimento dos problemas e desafios que confrontavam o povo de Deus na geração em que ele lhe falou.

O propósito da Bíblia

A Bíblia chegou até nós como um conjunto de diretrizes, diretamente da mão do Manufaturador, que inventou e produziu a humanidade. Para qualquer peça de maquinário, o comprador precisa consultar com diligência todas as palavras de instrução sobre como fazer funcionar a máquina, caso contrário seu resultado será a frustração e o desastre. Para uma criação construída de forma tão maravilhosa como o homem, com todos seus componentes espirituais e materiais, a

necessidade de um livro autorizado com diretrizes é extremamente importante. Por que estamos aqui no planeta terra? O que nos torna diferente das outras espécies biológicas? E qual é o propósito de nossa existência?

Basicamente, há duas respostas possíveis a essas perguntas, conforme apresentado em Gênesis 3, em que Adão e Eva desfrutaram de um cenário ideal de segurança e plenitude em alegre comunhão com Deus, que os criou para que fossem seus filhos, envolvidos em servi-lo e comprometidos com sua glória. O propósito claro e evidente da existência deles era glorificar a Deus e desfrutar dele para sempre. No entanto, uma vez que eram agentes morais com livre-arbítrio, era necessário que tivessem propósito alternativo de vida.

Isso lhes foi apresentado de forma persuasiva pela serpente, agente de Satanás, que sugeriu que Deus realmente não os amava sinceramente e, ao proibir-lhes o acesso à árvore do conhecimento do bem e do mal, só queria explorá-los. O Senhor foi acusado de privá-los de seus direitos básicos, ou seja, de buscar seus próprios interesses e afirmar suas próprias prerrogativas. A vida proposta por Satanás era para que eles vivessem por si mesmos, buscando sua própria felicidade e elevando-se a um conhecimento do bem e do mal similar ao de Deus.

Quando Eva aceitou esse princípio egocêntrico como seu propósito de vida e persuadiu Adão a juntar-se a ela nesse posicionamento contra Deus e sua santa vontade, o relacionamento de amor entre Deus e o homem foi interrompido e profundamente alterado.

Deus teve de buscar Adão e Eva, enquanto eles, em vão, tentavam se esconder do olhar do Senhor entre as árvores do jardim. E Deus, depois, levou-os à confissão e arrependimento, o que foi seguido da expulsão deles do Éden, sujeitando-os ao trabalho e à dor por terem se mudado para um ambiente mais hostil do mundo exterior. Todavia, o Senhor foi capaz de reagir ao triunfo de Satanás por intermédio do plano da redenção, que foi primeiramente sugerido a Eva em Gênesis 3.15, em que lhes declarou que um descendente messiânico da mulher, um dia, esmagaria a cabeça da serpente satânica e pagaria o resgate pleno pelos pecados deles no altar do sacrifício. As peles com as quais os corpos nus foram cobertos vieram de animais que foram sacrificados, e a oferta de um carneiro no altar feita mais tarde por Abel indica com clareza que a família de Adão acreditava na redenção e ansiava por ela, redenção essa que o Senhor Jesus conquistou, para eles e para todos seus descendentes, no Calvário.

Os estudiosos sofisticados e modernos podem considerar esse registro de Gênesis um mito infantil, mas ainda permanece o fato de que uma das duas alternativas apresentadas para Eva tem de ser escolhida e acatada por cada membro da raça humana. Ou nós, os seres humanos, fomos criados para ter um relacionamento amoroso com Deus a fim de viver para sua glória ou, caso contrário, o substituímos por nosso ego como o valor mais alto da vida. Não

existe nenhuma outra escolha possível para nós, pois até mesmo nossa dedicação ao bem-estar dos outros, da humanidade ou da sociedade em geral só tem valor se realmente, como seres humanos, recebermos um valor especial de nos tornarmos filhos de Deus. Nenhum desses valores é capaz de confirmação ou comprovação se a autoridade e confiabilidade da Bíblia forem rejeitadas. Aqueles que se põem acima de Deus, considerando-se a pessoa mais importante do universo, tornam-se culpados de insanidade moral e não se beneficiam mais do Livro com as diretrizes que chegou a nós na Bíblia Sagrada.

Também deve ser salientado que a *intelligentsia* moderna que afirma ter um conhecimento do propósito da vida (autointeresse inteligente), que supera o dos profetas e dos apóstolos da Antiguidade e o do Senhor Jesus, põe a si mesma em uma posição fideísta muito desconfortável. A Escritura confronta essas pessoas com um padrão de predição e cumprimento que está completamente além da mera habilidade humana. Nenhum de nós realmente sabe o que o futuro nos reserva; até mesmo os eventos do dia seguinte nos estão ocultos, dia a dia. No entanto, a Bíblia está repleta de previsões de curto alcance como de longo alcance que não poderiam ser conhecidas pelo homem sem a inspiração de Deus. Uma seleção dessas previsões pode ser encontrada na Digressão 1, no final do livro. Por ora, basta dizer que essas evidências são tão claras e irrefutáveis que nenhum pensador pode, com honestidade, dizer que é intelectualmente respeitável se rejeitar a inspiração divina da Bíblia Sagrada.

O escopo desta obra

Introdução ao Antigo Testamento é a expressão que se aplica ao estudo sistemático do pano de fundo antigo dentro do qual se deve entender os primeiros trinta e nove livros da Bíblia de forma correta. Trata de assuntos de linguagem, costumes e situações históricas, trata das pessoas, dos lugares e dos acontecimentos aos quais os vários livros da Bíblia fazem alusões. No seu escopo total, abrange os seguintes ramos de estudo:

1. As línguas nas quais o Antigo Testamento originalmente foi escrito, a saber, o hebraico e o aramaico, ao lado das línguas semíticas cognatas (como árabe, assírio, fenício, ugarítico e siríaco), que nos ajudam a entender o significado das palavras empregadas no texto bíblico.

2. A história do povo hebreu e dos países vizinhos com os quais tiveram contatos.

3. A religião e a cultura dessas nações não hebraicas, conforme se nos revelam os antigos autores pagãos e as descobertas da arqueologia moderna.

4. A autoria dos vários livros da Bíblia, uma vez que a questão sobre quem escreveu o livro tem muito a ver com seu significado e confiabilidade.

5. A data ou, pelo menos, o tempo aproximado em que cada livro foi composto — visto que isto frequentemente nos dá uma pista quanto às questões que confrontavam o povo de Deus quando ele lhes falou.

6. A situação histórica e os problemas contemporâneos com os quais tratavam os autores divinamente inspirados, como porta-vozes de Deus.

7. O texto original de cada livro, conforme existia antes que lapsos de pena ou outros erros de copistas pudessem ter sido introduzidos na forma do texto que foi preservada até nossos dias. (Isto é conhecido como crítica textual).

8. A integridade do texto, isto é, se cada livro foi integralmente elaborado pelo mesmo autor, ou se os escritos de outros autores se combinavam com o livro original.

9. A história da transmissão do texto, isto é, a maneira pela qual cada livro foi copiado e passado adiante nas várias famílias de manuscritos, e também

Classificação das línguas semíticas

De acordo com a localização geográfica

semítico oriental

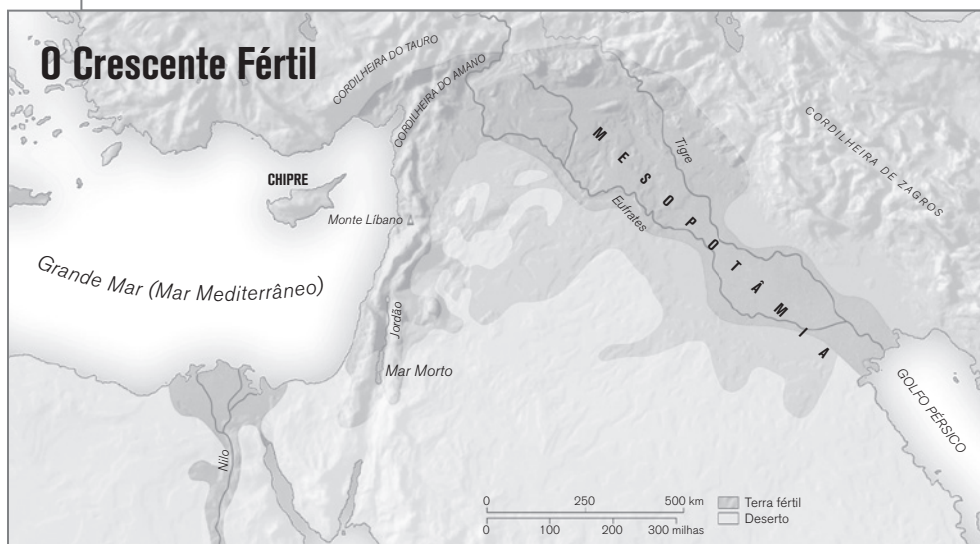
Primária Acadiano
Dialeto Babilônio
 Assírio

semítico meridional

Árabe
Árabe setentrional
Árabe meridional
Mineano
Hadramautiano
Catabaniano
Etíope
Amárico

semítico norte-occidental

Cananeu Aramaico
Eblaico Aramaico antigo
Ugarítico Aramaico bíblico
Fenício Aramaico imperial
Hebraico Nabateu
Amonita Siríaco
Moabita



traduzido para as várias línguas antigas dos povos aos quais chegaram o judaísmo e o cristianismo no decurso dos séculos subsequentes, até que, finalmente, o próprio texto hebraico (e suas várias traduções em grego, latim, siríaco etc.) fosse colocado na forma impressa, depois da invenção da máquina de impressão.

Como regra geral, as primeiras três divisões da introdução acima descritas são debatidas em cursos separados de língua e de história, enquanto a introdução ao Antigo Testamento, como matéria acadêmica, restringe-se às seis últimas divisões. Além disso, nesta introdução propriamente dita, existem duas subdivisões principais: a Introdução Geral e a Introdução Especial.

A *Introdução Geral* trata de assuntos do texto (tanto da língua original na qual foi composto como das versões antigas às quais o texto primeiramente foi traduzido). Trata também do cânon, isto é, quais livros eram verdadeiramente inspirados e autorizados, e o período aproximado da história no qual foram reconhecidos como tais pelo povo de Deus. Dá conta da origem e do alcance do cânon, e da ordem e da preservação dos livros que o compõem. Visto que a questão da data e da autoria do Pentateuco (os cinco livros de Moisés) está tão profundamente vinculada à teoria do cânon, comumente é incluída no campo da Introdução Geral.

Quanto à *Introdução Especial*, trata dos livros individuais do Antigo Testamento um por um, descrevendo sua autoria, sua data, seu propósito e sua integridade. Pode também debater a estrutura geral e a mensagem básica de cada livro, embora um tratamento detalhado do seu conteúdo pertença mais a um curso de panorama bíblico que à Introdução.

A relação entre o Antigo e o Novo Testamentos

Os autores do Novo Testamento consideravam os livros do Antigo Testamento (“a Lei e os Profetas”) como unidade composta única (“a Escritura”), sendo em última análise da autoria do próprio Deus, apesar de ter sido escrita por intermédio de autores humanos que registraram a verdade, sob a infalível orientação divina (cf. Gl 3.8; 2Pe 1.20). Os apóstolos inspirados consideravam que a intenção do autor divino das Escrituras hebraicas era o que mais importava; a intenção do autor humano era meramente algo subordinado. Poderia até acontecer que o autor humano de uma profecia do Antigo Testamento não entendesse o sentido pleno daquilo que escrevia, embora suas palavras exprimissem literalmente o propósito do autor divino que o inspirou (ver 1Pe 1.10,11). Os escritores do Novo Testamento viam as Escrituras hebraicas inteiras como um testemunho a Cristo Jesus, o homem perfeito que cumpriu toda a Lei; o Sacrifício e o Sumo Sacerdote das ordenanças rituais; o Profeta, Sacerdote e Rei

anunciado de antemão pelos profetas; e o Esposo descrito nos livros poéticos. Perceberam o sentido profético até mesmo nos acontecimentos históricos registrados no Antigo Testamento. Assim, a travessia do mar Vermelho prenunciava o batismo cristão (1Co 10.1,2); a conquista de Canaã, levada a efeito por Josué, prefigurava o descanso espiritual no qual os cristãos entram pela fé, (Hb 3—4); a chamada de Israel para sair do Egito prenunciava a experiência do menino Jesus (Mt 2.15).

Em geral, podemos dizer que o Antigo Testamento apresentava a preparação da qual o Novo Testamento foi o cumprimento; era a semente e a planta da qual o Novo Testamento era o fruto glorioso. Precisamente porque Jesus de Nazaré cumpriu tudo aquilo que o Antigo Testamento predisse, sua vida e seus atos possuíam uma finalidade absoluta, muito além de ser ele um mero sábio religioso como muitos outros. Por esse motivo também, o evangelho de Cristo possui uma significância divina que o distingue de todas as religiões feitas pelos homens. O Antigo Testamento demonstra que Jesus e sua Igreja eram providenciais, a concretização do propósito de Deus; o Novo Testamento comprova que as Escrituras hebraicas constituíam um organismo coerente e integrado, concentrando-se em um único tema grandioso e exibindo um programa único de redenção.

A família semítica de línguas

Assim como é verdade que a língua grega impôs seu carimbo sobre a revelação do Novo Testamento e sobre a terminologia na qual a mensagem se exprimia, também é verdade que o gênio da língua hebraica determinou o modo de expressar a mensagem do Antigo Testamento. Fazia muita diferença o fato que o grego era exato em exprimir valores em termos de tempo, e que o hebraico enfatiza, principalmente, modos de ação mais que tempos do verbo. A interpretação adequada da revelação do Antigo Testamento exige um perfeito domínio desses traços peculiares do verbo hebraico e da sintaxe hebraica em geral; senão, surgirão muitos mal-entendidos das Escrituras e muitos textos distorcidos.

A língua hebraica, de modo consideravelmente generalizado, tinha essas características gramaticais e sintáticas em comum com as demais línguas semíticas. É, portanto, de grande importância examinar essas línguas relacionadas com o hebraico, para derivar delas a luz que lançam sobre o estilo hebraico. Além disso, quanto ao vocabulário, o estudo das línguas semíticas comparadas é de máxima relevância. Acontece com frequência que uma palavra que só ocorre uma ou duas vezes na Bíblia hebraica surge como palavra bastante comum em algumas das línguas relacionadas e pode ser interpretada, com alto grau de exatidão, ao ser comparada com elas.

A classificação tradicional das várias línguas semíticas as divide, de acordo com a situação geográfica das nações onde são faladas, em norte, sul, leste e oeste. O semítico oriental inclui só uma língua principal, o acadiano, que se divide nos dialetos ligeiramente diferentes do babilônio e assírio. O semítico meridional inclui o árabe (subdividido em árabe setentrional, a língua clássica e literária; e árabe meridional, com seus subdialetos: sabeano, mineano, catabaniano e hadramautiano) e o etíope (ou geez), com seu descendente moderno, o amárico. O semítico do noroeste ou norte-ocidental abrange os dialetos aramaico e cananeu, sendo comumente dividido em duas ramificações, a oriental e a ocidental (a língua siríaca da era cristã se baseia na ramificação oriental, e a ramificação ocidental é a base do aramaico bíblico encontrado em Daniel e Esdras). O semítico ocidental (frequentemente classificado ao lado do aramaico, em uma divisão chamada semítico do noroeste ou norte-ocidental pelos estudiosos modernos), inclui o ugarítico, o fenício e o cananeu (do qual o hebraico e o moabita são dialetos).

Línguas não semíticas que exerceram alguma influência sobre a língua hebraica são as seguintes: (1) a língua camita do Egito (sujeita à influência semítica nos habitantes camitas do vale do Nilo); (2) o sumério, a fala aglutinativa da raça antiga, não semítica, que conquistou e civilizou a Baixa Mesopotâmia, antes dos babilônios; (3) e a língua indo-iraniana persa que aparece nos livros pós-exílicos, como Daniel e Esdras. Todas essas línguas contribuíram com pequeno percentual de vocabulário à língua hebraica.

O clássico **Merece confiança o Antigo Testamento?** foi sempre um recurso valiosíssimo para especialistas, alunos e leigos que querem crescer na compreensão dos posicionamentos conservadores em relação ao Antigo Testamento sem o receio de enfrentar as abordagens críticas.

Agora rebatizada **Panorama do Antigo Testamento**, a obra não apenas recebe novo nome, mas ganha nova edição, totalmente revisada e atualizada, com dezenas de mapas, tabelas e figuras que iluminam a leitura contextualizada do Antigo Testamento.

Gleason Archer trata primeiramente dos temas de maior atenção entre os especialistas, como:

- ▶ a inspiração das Escrituras e os testes de sua canonicidade;
- ▶ o processo de registro dos manuscritos;
- ▶ a alta crítica, com um exame detalhado sobre a questão da autoria do Pentateuco;
- ▶ a crítica textual.

Cada um dos 39 livros é apresentado de uma perspectiva histórica, além de serem tratadas questões clássicas no campo da introdução bíblica, como:

- ▶ a autoria de cada livro do AT;
- ▶ as relatadas discrepâncias em linguagem, estilo literário e temas entre os livros do AT;
- ▶ as datas de vários dos livros proféticos que são objeto de debate;
- ▶ a teologia dos livros do AT;
- ▶ temas como criacionismo bíblico e a arca de Noé e o Dilúvio.

Certamente, uma das maiores contribuições do **Panorama do Antigo Testamento** é sua interação constante com a pesquisa crítica e liberal, ao mesmo tempo que oferece alternativas conservadoras aos principais desafios lançados à Bíblia hebraica.

Gleason L. Archer Jr. (1916-2004; BA, MA, PhD pela Harvard University; BD pelo Princeton Theological Seminary; LLB pela Suffolk Law School) foi um dos principais estudiosos das Escrituras no século 20, além de teólogo, educador e escritor. Foi por mais de vinte anos catedrático de Antigo Testamento e Línguas Semíticas pela Trinity Evangelical Divinity School. Escreveu várias obras, entre elas o *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento* (em coautoria), lançado no Brasil por Edições Vida Nova.